

2080

ANTOINE CANARY-WHARF

Ao Thomas,

Que é o Homem,

O Espírito,

O Algoritmo,

A Inteligência Artificial,

O Cérebro,

A Alma,

A Religião,

O Partido,

O Governo,

A Lei,

O Código,

O Coração,

A Intuição,

A Instituição,

Que comanda a minha vida!

«Às vezes, acreditarmos em fantasias ou quereremos influenciar toda uma sociedade, todo um parlamento, pode salvar vidas! Às vezes, ficcionar o Direito com as nossas fantasias, levar também as nossas ficções para o Direito (...) isso, pode dignificar vidas! Deve ser esse o instrumento da ficção. E, se assim for, podemos fantasiar o que quisermos. Podemos acreditar no que quisermos. O importante é acreditarmos em coisas boas. Em coisas que nos podem fazer felizes a nós, mas também aos outros. Em coisas sempre ligadas a um sentimento humano altruísta e solidário para [que] todas as inteligências (...) consigam coabitar em paz com a espécie humana. (...) Porque a espécie humana nasceu com o dom da criatividade e com o dom da fantasia. (...) Fantasiar é um dom! E os dons, podem ser usados como instrumentos. Às vezes, fantasiar pode dignificar vidas. Pode salvar vidas.» in ***O Deus Tecnológico*** de Simão Roncon-Oom.

«Somos todos recursos do ambiente. A nossa força, o nosso trabalho é um recurso natural que é explorado por empresas ou pelo Estado. (...) Podemos pintar e encher os prédios e as empresas com os nossos quadros ou podemos pegar num spray e grafitar uma parede que a Câmara nos pediu, que o nosso talento, afinal, é um recurso natural. Podemos ser uns idiotas e dizer umas parvoíces que se essas parvoíces forem ideias para novas políticas que formaram um partido político, o nosso intelecto será um recurso natural. Se continuarmos a ser idiotas e a dizer umas parvoíces, mas alguém ouvir as nossas parvoíces e, por causa das nossas parvoíces, criar um novo produto que vai espoletar numa explosiva nova economia, então as nossas ideias serão sempre um recurso natural. A nossa filosofia, a nossa imagem, a nossa arte, até a nossa espiritualidade serão sempre recursos naturais.» in ***O Algoritmo do Amor*** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

«Se há mercados que veem as pessoas como petróleo e como dados, obviamente que para eles, é isso que as pessoas valem e pronto. Para eles, não são pessoas. E para mim, não são mercados que deviam estar dentro do nosso sistema. Um mercado que deixe de olhar para uma pessoa como pessoa, para mim, perde toda a legitimidade de sobreviver no mercado.» in ***O Algoritmo do Amor*** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

«Se há mercados tão bons, patrões tão bons que montam empresas empáticas, que são empáticas, não só pelos seus colaboradores e funcionários a quem pagam ordenados de felicidade, mas também, pelo meio ambiente, que respeitam a flora e a fauna, os outros mercados têm que se tornar bons! Ou os mercados se tornam bons e empáticos ou, então, mais vale darem o seu lugar na economia a outro.» in ***O Algoritmo do Amor*** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

«(...) O Direito deve acompanhar a Economia e a Tecnologia. Dever acompanhar não é ter que andar ao sabor delas, nem sequer abraçá-las ou dar-lhes as mãos como se as namorasse! Dever acompanhar é estar à altura para pôr os travões (...). Estar à altura das tecnologias. Saber, conhecer os produtos tecnológicos que se querem pôr a circular no mercado. Saber dizer não às tecnologias perversas, às tecnologias que são antagónicas de todos os direitos que andámos a inventar; a todos os direitos que estão constitucionalmente consagrados! Que estão lá escarrapachados na nossa Constituição! Que estão lá previstos no nosso Código Civil!» in ***O Algoritmo do Amor*** de Jaime Maria Bayamonde da Costa Ayala.

Fotografámos as nossas almas e vimos as cores delas. Vimos que cor tinha cada uma das nossas almas. E foi assim que criámos um *profile* de boas almas. O algoritmo era a nossa energia. O algoritmo era a cor da nossa alma.

Encomendei uns binóculos que davam para ver a temperatura do corpo. Como não podia fotografar ninguém sem autorização, sob pena de ir parar ao Tribunal Tecnológico, e como não queria ter uma biblioteca de almas ilegal, e como os binóculos ainda não estavam regulados pelo Direito Tecnológico, usei-os para ver a energia corporal dos outros. Na altura em que comprei os binóculos, a sua tecnologia tinha escapado à inocência do Direito Tecnológico.

Sabia que o Brioso continuava fiel a apanhar ondas na mesma praia desde os tempos de liceu. A sociedade tecnológica encarregava-se de me informar. Quando vendi a casa na Costa de Caparica mudei de ares. Nunca mais lá voltei senão para ver a energia corporal do Brioso. Através dos meus binóculos, ligados ao meu telefone, conseguia ficar com uma “imagem ideal” como se fosse uma fotografia da alma sem ter tirado uma fotografia. Uma manobra juridicamente espiritual de contornar o direito espiritual.

Soube que o Guterres tinha mudado de ares e apanhava ondas na praia ao lado da minha praia secreta e do Thomas. Através da sociedade tecnológica, soube um dia que o Guterres estava “em tempo real” nessa sua nova praia e fui a voar para lá, *À Velocidade da Luz* de Gil de Sales Giotto, para ver como era a energia corporal dele. Assustadoramente era idêntica à do Brioso. E fazia todo o sentido.

(...)

— Parece, pois. Mas Sagres também parece. Sagres é puramente cinematográfico. Tudo é cinematográfico. É a Fortaleza de Sagres, é o Cabo de São Vicente, é o Forte do Beliche antes de chegarmos ao Cabo de São Vicente, é a varanda do Forte do Beliche em que nos temos que empoleirar num salto e ficar a fazer força com os braços para ficarmos empoleirados e vermos a enseada e uma pequenina praia de pedrinhas brancas com uma água caraíbesca – ali são as Caraíbas! –, é o farol do Cabo de São Vicente que em julho vira uma loucura de gente a aplaudir o pôr do sol e que demora 2 horas para sair depois dali num louco trânsito de carros, é a praia do Castelejo, é a praia da Cordoama, é a praia da Barriga, são os rochedos todos até à praia da Barriga, são os montes verdes na praia da Barriga que parecem barrigas de gigantes adormecidos ali deitados de barriga para cima, são os montes verdes atrás da praia da Cordoama em que se veem jipes a subirem a pique e motas de motocross a fazerem desenhos nos montes, é a ravina metida em cima da praia da Cordoama donde se lançam parapentes que aterram connosco ali no areal, são as outras ravinas rochosas todas até à praia do Castelejo, é a espetacular sobreposição das rochas negras de xisto que vemos até à praia do Castelejo se formos a pé desde a praia da Cordoama, e depois a baía que a praia do Castelejo faz, (...) É todo aquele ambiente de surfistas e atmosfera do surf e de histórias do surf trazidas por surfistas acabados de chegar da Indonésia e do Havai e que voltam a Sagres com saudades. Ter que descer a estrada aos *zigzags* pelas ásperas montanhas até à Cordoama é uma magia constante. E uma vez desvendada a Praia da Cordoama com as montanhas por detrás de nós, faz-nos revelar o

filme que estamos numa autêntica ilha. Estamos numa ilha. Parece que estamos numa ilha. Numa ilha que é o paraíso dos surfistas. Que é protegida pelos surfistas. Que dá vontade de lhes entregar aquele bocado de Terra, porque aquele bocado de Terra fica-lhes bem nas mãos deles. Como ficam as pranchas. Fica a salvo nas mãos deles. Sabem porque é que hoje em 2080 a praia da Cordoama está intacta? Porque os surfistas protegeram sempre aquele mar. Foram autênticos salva-vidas. Eu vi-os a serem salva-vidas. (...) Acham o quê? Que os surfistas locais de lá andam com as pranchas super tecnológicas como os novos surfistas? Acham que andam a surfar com os telefones como os novos surfistas? Que têm as pranchas automáticas como os novos surfistas? Os surfistas verdadeiros já são tecnológicos, não precisam de mais nenhuma tecnologia senão da tecnologia do mar e das ondas. Porque eles sabem que as ondas são tecnológicas. É claro que são tecnológicas! Se geram energia, são tecnológicas! E eles apanham só as boas energias! Não apanham as más energias! As más tecnologias não os capturam. E se andarmos com eles, também não nos capturam, porque com eles, nós estamos verdadeiramente protegidos! E foi por isso que comecei a andar com eles. Sem querer, comecei a andar com eles, sem saber, quando comecei a andar com o Jakob. Afinal eles estavam todos ligados. Era essa a Internet deles. E foi por isso, que fui para lá parar a Sagres. Eu tinha que ir lá parar para o meio deles, em Sagres. O meu coração tecnológico ligou-se às ondas da praia da Cordoama e as ondas da praia da Cordoama estavam ligados há mais do que mil anos aos corações tecnológicos dos surfistas. Eles parecem autênticos espíritos do mar. E vi que eles viam um espírito em mim. Vi que eles entendiam o meu ser. Vi que eles viam o meu disfarce. Eles percebiam o meu disfarce. Afinal, sem eu próprio saber, tinha-me disfarçado só para chegar até eles. E cheguei à Internet dos Surfistas. Cheguei à Internet das Ondas. Através da Internet do Mar. Cheguei até eles sem saber surfar. Mas para eles, eu já surfava num mar tecnológico cheio de surfistas tecnológicos, cheio de piratas. Sagres, era uma Terra de piratas! (...) Nunca pensei em juntar-me a um movimento. Mas parecia que me tinha andado a guardar para um movimento tão importante como este! Um movimento que me fazia gritar! Que me fazia gritar verdadeiramente para o mundo! E sabia que com eles, com os surfistas, ali de Sagres, eu podia gritar! Porque o meu grito era o mesmo grito que o deles! Mas para eu andar também de prancha na mão, naquele bonito movimento dos surfistas eu precisava de ter primeiro umas aulinhas de surf.

(...)

— Para termos sinal tínhamos que subir um pequeno rochedo que se debruçava em rampa de lançamento sobre a praia. Esse rochedo é que era a antena natural da praia! Aquela praia não precisava mais de antenas nenhuma! Nem era preciso rede nenhuma, porque simplesmente se estava na praia! E uma coisa muito interessante que eu por acaso reparei naquela praia... As pessoas não estavam agarradas ao telefone. Desde 2018 já se viam algumas pessoas na praia agarradas ao telefone, o que era impensável até então. Em 2019 estava tudo agarrado aos telefones ou aos tablets. A Jupiter Editions não queria compactuar com isso e por isso nunca quis converter os seus livros em *ebooks*. Lembrome de estar na Praia do Pego e ver tudo agarrado ao telefone. Mesmo com os golfinhos a passarem, as pessoas não largavam os telefones, e muitas viam os golfinhos a passar através do ecrã do telefone. Ter visto isto em 2019, para mim foi assustador. Sentia as minhas veias a serem pisadas. Parecia que o meu coração parava de bombar o sangue.

Não sentia o meu sangue a correr-me quando via uma cena tão tecnológica como esta. E lembro-me que havia lá uns surfistas, super tecnológicos, que só não levavam, na altura, o telefone para a água, porque os telefones ainda não eram à prova de água, mas que hoje o levam. Esses surfistas tecnológicos queriam ensinar-me a fazer surf. E eu, com esses surfistas não quis nada! Sempre fui hipersensível à radiação eletromagnética. A radiação eletromagnética tira-me o tato. Sei que há radiação quando fico sem tato, quando esfrego os dedos uns nos outros e não sinto nada, como se não tivesse sangue a correr-me. Como se nem fosse feito de veias. Como se fosse um robot. Quando toco num telefone super tecnológico sinto-me um robot. Não sinto as mãos. Deixo de sentir as mãos. Deixo de ouvir o meu coração. E eu detestava os telefones super tecnológicos desses surfistas da Praia do Pego. Detestava sobretudo, porque os telefones deles prendiam-me a uma aplicação lá na Internet deles. Com eles, eu parecia que estava dentro do *Target – A Pegada Digital* de Ralf Kleba-Kodak. Mas queriam nadar como os golfinhos nadavam. Queriam que eu os visse como golfinhos. Mas eu via-os como orcas. Como golfinhos nazis que assassinam os golfinhos. Naquela praia passavam sempre muitos golfinhos. Passava sempre um grupo de golfinhos de 13, às vezes, 18 indivíduos. Saíam do Estuário do Sado, desciam pela costa toda de Troia e passavam pela Praia do Pego. E na praia do Pego passavam mesmo pertinho, talvez para caçar o peixe aranha que havia mesmo ali à beira mar. Depois continuavam a descer até Melides e depois voltam, subiam tudo outra vez até entrarem no Estuário do Sado. Sabia que também iam ao cabo Espichel, porque uma vez apanhei-os lá. Ou talvez, tenham sido eles que me apanharam a mim e ao Jakob. Não conseguimos tirar estes momentos mágicos de nós, porque são nossos, pertencem-nos a nós e a todos com quem partilhamos a magia. E é claro, que eu não partilhava esta minha magia com esses surfistas super tecnológicos da praia do Pego. Nem lhes dizia que os golfinhos iam até ao cabo Espichel. Lembro-me muito bem que nesse grupo de surfistas super tecnológicos havia um miúdo surfista de 11 anos que fumava charros e tinha um monstro de telefone e lembro-me dele a perguntar qual é que era a importância dos golfinhos, enquanto ficava de costas para o mar, metido no telefone e tentava gozar connosco num atrevido tom altivo. Chamava-se Matheus. O Matheus cresceu, ficou mais birrento, mais exigente, mais tecnológico e saturado e cansado de todas as coisas que já tinha. O Matheus como se cansou de tudo o que tinha, acabou por comprar as pranchas tecnológicas. Agora aparece “semi” a voar de prancha *semi-automática* na praia. Lembro-me do Matheus levar para a praia 4 pranchas. Era a prancha de paddle, era a prancha de *skimming*, era a prancha de bodyboard e era a prancha de surf. Fazia um pouco de paddle, lá se cansava e lá voltava ao mar com outra prancha. Até que voltou ao mar com uma prancha de bodyboard semi automática que fazia bicos de pato sozinha. O Thomas sabe o que é um bico de pato, não sabe?

— Não sei, tio...

— Ah! Deixe estar... Eu também não sabia. Só soube no dia 16 de Junho de 2020 quando tive a minha primeira aula de bodyboard com o Xico, o *heavy local* da praia da Cordoama. O bico de pato é quando quer passar por baixo da onda com a prancha, então, calcula uns segundos antes da onda chegar a si e faz uma flexão com os braços à frente para afundar a prancha, empurrando a prancha atrás também com um dos joelhos e passa pela onda debaixo dela. Ora, isto era uma arte. Mas com as pranchas semi automáticas é só carregar num botão e ela mergulha-se sozinha e nós mergulhamos com ela. Para chegar

às ondas tinha que ter a prancha sobre o seu peito, bater os pés e mandar umas boas braçadas, mas com as pranchas semi automáticas carrega agora num botão e lá vai a deslizar tecnologicamente no mar com se estivesse numa moto d'água. Com as pranchas ligadas aos drones através do Wi-Fi e do Bluetooth vê os surfistas a entrarem sempre com um drone por cima deles que os persegue só a eles e filma as suas manobras. Nós estamos numa liberdade tecnológica. Hoje, os surfistas só podem fazer isto se for com um drone silencioso. Foram anos de zumbido. Eram dezenas de surfistas na mesma água, eram dezenas de drones barulhentos sempre a emitirem radiação. A radiação acabava por ser absorvida pela água. Na Natureza, como sabemos nada se perde. Se a radiação não é absorvida toda pelo corpo humano, ela propagar-se-á noutra direção e quando chegar a um meio ela será absorvida por esse mesmo meio. Isto é simplesmente a energia das coisas. Foi por isso que os telefones começaram a ser proibidos de serem usados à beira-mar. Era ridículo ver-se tudo à beira-mar de telefone... Nem parece que estavam à beira-mar. Estavam era ao telefone. Não estavam à beira-mar. Mas o Direito esqueceu-se de proibir também os drones. O Direito esquece-se de muitas coisas. O Direito é muito esquecido. Tem um défice de atenção. E foram esses drones ligados à Internet das Coisas a esse fantástico 5G que mandou os golfinhos embora dali! Na Praia do Pego até havia abelhas! Havia sempre uma abelha que vinha ter comigo. Vinha sempre cumprimentar-me à mesma hora. Tal como os golfinhos passavam sempre à mesma hora. Quando animais tecnológicos têm estes relógios tecnológicos, estes chips dentro deles, é claro que toda a tecnologia de fora é incompatível com a tecnologia própria deles. As abelhas também desapareceram da Praia do Pego.

(...)

— E cada vez mais percebia a linguagem d'*O Deus Tecnológico* de Simão Roncon-Oom que nos faz ver o nosso cérebro como um autêntico bicho inteligente muito mais tecnológico do que qualquer outra tecnologia. E a tecnologia era esta. A tecnologia foi esta. Aliar-me aos surfistas. Porque os surfistas falavam a mesma linguagem que eu. É claro que eu não precisava de fazer surf nem de apanhar ondas como eles para falar a linguagem deles. Bastava estar só com eles. De espírito aberto. E adivinhem quem é que foram os primeiros Member Readers da Jupiter Editions?

— Foram os surfistas????

— Foram sim, Thomas. Foram eles que internacionalizaram a Jupiter Editions. Porque eles tinham a mesma agenda da Jupiter Editions. Foram eles que quiseram apanhar as boas ondas da Jupiter Editions. Eles viram que a Jupiter Editions emitia uma energia muito positiva. Eles são espíritos do mar, conseguem ver isso. Não dá para enganar os espíritos do mar! Mais vale, sermos logo honestos com eles. O mundo está programado por agendas. O mundo está todo feito por agendas. Como as nossas vidas. Cada um de nós tem as suas agendas. Mas há agendas que se ligam umas às outras. Vi que a Associação de Surf e Atividades Marítimas do Algarve tinha uma agenda igual à da Jupiter Editions (...) Aqueles rochedos da Cordoama davam uma autêntica bruteza natural. Perante toda aquela robusta comunidade amiga de surfistas e bodyboarders, nenhum surfista de fora se armava em esperto e se metia com a bruteza da Cordoama. Seria um suicídio. Seria um suicídio na rocha da Joana. Seria um embate fatal na Joana. A Joana é a última rocha que se ergue longe no mar, depois da rebentação das ondas e

que traz atrás de si, desde as ravinas, uma longa cordilheira de rochas que só se veem na baixa-mar e que na preia-mar ficam completamente submersas e que são um perigo para todos os surfistas que não sejam locais. Há um *rip current* gigantesco com uma força imensa que nos lança às rochas. O truque é termos que contornar a última rocha, a Joana, para podermos sair do mar. E isto não é intuitivo. Tem que se conhecer. Tem que se andar lá dentro com os espíritos do mar. Lembro-me da primeira vez que entrei. Entrei felicíssimo. Dei umas 3 braçadas para o lado e de repente a corrente levou-me num assustador *raft* invisível. Não conseguia sair dali. Cansei-me logo. Fiquei logo zozinho. Senti-me a perder os sentidos. Vi como era fácil morrer-se no mar num segundo. Como era fácil engolir água. Engolir mais um pouco. E acabar logo por morrer. A minha primeira preocupação que me veio à cabeça naquele mar foi o Jakob. A minha primeira preocupação é que ainda não tinha feito testamento nenhum. E que se eu morresse, o Jakob não ia herdar nada. A minha primeira preocupação foi isto. A minha primeira preocupação foi que todas as minhas obras ainda não tinham sido entregues à Jupiter Editions. A minha primeira preocupação é que tudo aquilo que eu tinha produzido, todos os meus direitos intelectuais iriam passar para o meu pai. E eu não queria que passassem para o meu pai, porque o meu pai, no meu instituto testamentário, na minha vontade testamentária, era uma *persona non grata*. Ele atrasou toda a minha escrita. Ele tentou asfixiar a minha escrita. E ele sabia que eu produzia tinta. E pôs-me sempre outras tintas à frente. Mas ele não sabia que pôs-me outras tintas à frente, isso inibia a minha tinta? Para ganhar 10 euros para poder apanhar um comboio de ida e volta para ir ter com o Jakob à Costa de Caparica, o meu pai obrigava-me a ler um calhamaço. Foram calhamaços que nunca li. Abria duas ou três páginas no meio e lia na diagonal, ia depois à última página e depois ia à primeira e tirava assim o raio-X e lá fazia à toa a apresentação do livro que o meu pai mandava para poder ganhar os 10 euros. Foram anos disto! E como se ainda não bastasse, foi ainda depois o complô que ele armou com a tia Giralda. Eu sei lá se o meu pai esteve ou não metido nessa armadilha que a minha própria família me pregou a mim e ao Jakob, só porque a religião deles era contra o nosso amor. O que eu sei é que o meu pai mandou-me escolher entre ele ou o Jakob e disse que caso eu escolhesse o Jakob eu haveria de “sofrer” com as consequências. Foi isto que aconteceu. Encostou-me à parede. (...) Começou um verdadeiro filme de terror que eu fui escrevendo em tempo real. Entreguei aos cofres da Jupiter Editions toda essa maravilhosa escrita monitorizada em tempo real que fiz em casa da Giralda. Aquele era o filme que ela queria e eu senti-me simplesmente um realizador do filme dela. Ela precisava de um palco. Eu vi o talento que havia nela. E com a Jupiter Editions dei-lhe o palco. Mas eu estava no mar a ver este filme todo e a ver que ainda não tinha celebrado nenhum contrato de edição com a Jupiter Editions. Tinha entregue aos cofres da Jupiter Editions, mas e se eu morresse ali? Sem contrato de edição, sem eu ter dito que aquelas futuras obras minhas seriam editadas e publicadas pela Jupiter Editions, sem ter dito isto e sem ter assinado isto por baixo, se eu morresse o Jakob não ia ver nada da minha escrita, quem ia ver seria o meu pai e talvez comunista como ele é, dividiria os lucros com a Giralda. Isto seria o filme de terror que eu não poderia permitir que o Jakob passasse por ele sozinho sem mim. Então, tive que sair do mar para ir assinar os contratos de edição. Ao ver isto tudo, ganhei uma força espiritual tão grande que consegui sair do mar para assinar o contrato espiritual que eu tinha que assinar.

— O tio Raul ainda não publicou essa história?

— Não, Thomas. Está guardinha nos cofres da Jupiter Editions. Um dia hei de publicá-la. Simplesmente ainda não tive tempo. Há outras histórias cheias de ondas com boas energias que quero primeiro publicar. Há uma hierarquia das histórias. Como nas ondas e no mar há uma hierarquia. E sabe Thomas, a história está em bruto... Tem lá os dados todos. Mas eu só processei os dados, só os escrevi. Ainda nem sequer olhei para o que escrevi. Ainda nem sequer olhei para os dados. Teria que ter tempo para tratar dos dados... E sei que nesse tratamento de dados eu viveria outra vez todo o filme agora numa realidade virtual aumentada... E muito francamente, não me apetece ainda voltar a ver o filme todo...

— Eu não me importava nada de tratar da história do tio Raul...

— Ah! Que maravilha, Thomas! Então, fica com a história! E vi como aquele mar tão tecnológico da Cordoama, sem surfistas tecnológicos, me expulsou por breves momentos dele só para eu ir registar o filme que eu tinha visto nele e logo a seguir chamou-me para me envolver noutros filmes. Voltei a entrar com o Xico. Com uma prancha de bodyboard. É verdade... Os bodyboarders hackearam-me o coração sem os surfistas se aperceberem. E de coração hackeado pelo Xico, lá voltei ao mar, ligado a ele, naquele mar tecnológico. Foi aí que aprendi verdadeiramente a tecnologia das ondas. Consegui sentir a energias das ondas e comecei a ver ondas por todo lado. Comecei a ver as ondas como vejo os ramos das árvores. Comecei a ver as ondas como vejo as câmaras de vigilância. Comecei a ver o mar com maior nitidez. E lá estava eu a apanhar aquelas ondas ali ao pé dos aprendizes da escola de surf da Cordoama. E eu olhava para eles e também queria meter-me naquele namoro com eles com as ondas. Mas estava agora no bodyboard. Era o tempo do bodyboard. O Xico tinha-me dito para ficar só ali a apanhar a espuma. Mas o Zé Luís, do outro lado das ondas, chamava-me para ao pé dele e dos outros surfistas que pareciam espíritos do alto mar deitados ali na boa nas pranchas naquela agora paz de mar à espera de um set. (...) Ia atrás dela. Ela parecia uma sereia. Ensinava-me como atravessar as correntes. Ela sabia as correntes de cor. Parecia que tinha um mapa do tesouro na cabeça. E simplesmente, ali no mar num complô que ficou nosso, entregou-me o mapa do tesouro. O tesouro eram as ondas. Aprendi que as ondas são um recurso limitado. Aprendi que a energia é um recurso limitado. Todos querem apanhar ondas. Mas quando um apanha uma onda, os outros ficam a ver esse a apanhar a onda. E ninguém quer ficar a ver os outros a apanhar ondas. Aprendi a hierarquia e o Direito que está escrito nas ondas. Aprendi isto tudo com a Joana. O Xico como *heavy local* tem prioridade em apanhar ondas ali. Era mais velho, praticava há muitos anos e era dali. Isto fazia dele um *heavy local*. Vi que uns escreviam nas ondas como se fossem destros, são os chamados regulares. Vi que outros eram canhotos a escrever nas ondas e que são chamados de *goofys*. Aprendi que um regular faz uma “direita” de *frontside*, virado com o peito para a frente da onda e que que faz uma “esquerda” de *backside* com o rabo virado para a onda. E vi que aquele espírito da Marta era natural ali no mar. Era hipnotizante. Era hipnotizante estar ali com ela no mar. E percebi toda a atmosfera e todo o bom ambiente que se pode enredar à volta do surf. Vi que aquele mar perigoso, surfado ao lado dos espíritos do mar, traziam uma nova agenda à Jupiter Editions. Dava mesmo vontade de editá-lo. De publicá-lo. Aquele mar, por ser tão tecnológico, tão energético, era capaz de ligar as nossas agendas. Agora estávamos ali a surfar juntos. Estávamos ali na mesma onda! (...) ANTOINE CANARY-WHARF TODOS OS DIREITOS RESERVADOS ©